

Competência e Desempenho: Armadilhas da comunicação?

Marília Carvalho Batista - CAPES

Narciza Damaceno

Yeris Gerardo Láscar Alarcón - CAPES

Resumo

Este artigo é dedicado ao percurso do conceito de competência e desempenho de Chomsky (1957) a Celce-Murcia (1995), Almeida Filho (2005) e Edcléia Basso (2008). Dentro desta proposta serão destacados os pontos específicos relacionados a cada conceito com a visão de Competência Comunicativa e o ensino de línguas.

1. Introdução

Percebemos a força motriz que envolve as decisões de um professor com relação ao processo de ensino-aprendizagem é a sua abordagem norteadora e, por isto, direcionamos o nosso olhar para um dos recursos que ajudam a materializar a competência comunicativa.

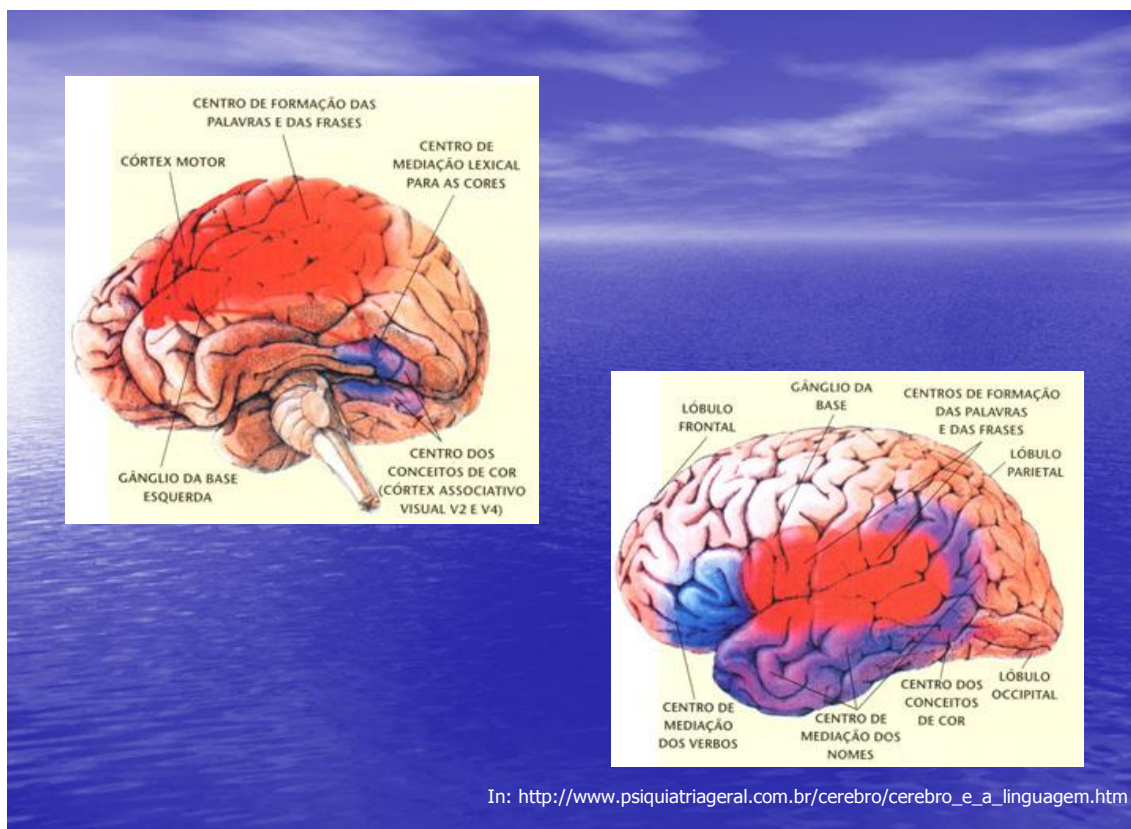
Buscamos em Noam Chomsky (1957) as definições de competência linguística e desempenho, por serem o fio condutor do nosso percurso histórico para chegarmos aos conceitos Competência Comunicativa de Dell Hymes (1972); Christina Paulston (1974); Canale e Swain (1982); Celce-Murcia (1995); Almeida Filho (2005) e Edcléia Basso (2008) e tentar diferenciar o conceitos de competência do de desempenho no processo de ensino-aprendizagem de uma Segunda Língua e abordar ambos como estratégias de apoio para fortalecer a Competência Comunicativa nos aprendentes.

No que tange competência e desempenho ao ensino de uma segunda língua, nos parece que o professor desenvolve, durante a sua formação inicial e continuada, a materialização de sua competência profissional e a abordagem

que sustenta em sala de aula. Evidentemente, há de se procurar as origens desses termos para compreender melhor a sua definição e ressignificação da área de Linguística Aplicada.

1. O Gerativismo de Noam Chomsky e os conceitos de Competência e Desempenho

O surgimento da Linguística Gerativista em 1957, e a publicação do livro *Estruturas Sintáticas* de Noam Chomsky, representaram uma resposta e rejeição ao modelo behaviorista do estruturalismo americano. Para os estruturalistas americanos, principalmente para Leonard Bloomfield, os sujeitos não nasciam com a capacidade de linguagem, ou seja, para os estruturalistas norte-americanos a linguagem era adquirida através da interação dos sujeitos com a sociedade em que viviam. Já para os gerativistas, a linguagem era uma capacidade inata, que segundo Chomsky (1957) era chamada de *Faculdade de Linguagem*.



De acordo com este autor (1957), a *criatividade* é o principal fator responsável pela identificação da linguagem humana, pois o ser humano é capaz de criar, interpretar e reproduzir outras formas de comunicação. Assim, podemos dizer, segundo a gramática gerativa que há uma aproximação das ciências naturais com as ciências humanas. Para confirmar esse princípio de que a linguagem é uma capacidade inata, os gerativistas destacam alguns problemas patológicos que envolvem algumas áreas do cérebro humano responsável pela linguagem, por exemplo, a afasia, um problema que afeta a capacidade de aquisição da linguagem.

Sobre a Gramática como sistema de regras, os gerativistas defendiam que com um número finito de regras gramaticais podemos formular infinitas sentenças de uma língua. Esse princípio do gerativismo ficou conhecido como Propriedade de Infinitude Discreta. Os linguístas gerativistas se apoiam em dois princípios: a Competência e o Desempenho linguístico.

A competência destaca-se como a capacidade de produzir variadas sentenças, em outras palavras, o sujeito sabe produzir sentenças de acordo com uma gramática interna, no qual, já sabemos distinguir uma frase gramatical ou agramatical. E desempenho é o uso concreto da língua. (CHOMSKY, 1978, p. 12)

Com o desenvolvimento da Linguística Gerativa no início da década de 1980, a ideia da competência foi cedendo lugar à Gramática Universal. Na qual, os sujeitos falantes, podem criar sentenças de acordo com a gramática interna.

Sobre os Universais Linguísticos, Chomsky (1957) afirma, por exemplo, que toda Língua tem um Sujeito e Predicado e que, existe o Fenômeno da Recursividade, no qual, podem-se transformar sentenças simples em sentenças complexas. Então, a linguagem para os seres humanos, segundo o gerativismo, é uma capacidade inata, que, relaciona-se com o natural, biológico (KENEDY, 2008).

Assim, a gramática universal pressupõe que os sujeitos falantes são aptos para desenvolver a gramática de uma língua porque todas as línguas têm um sistema numérico e que eles têm a capacidade de memória, ou seja, a

produção de vários enunciados de acordo com o conhecimento adquirido ao longo da interação com outros sujeitos falantes.

Nessa concepção, tem-se a aprendizagem de termos baseados em números finitos de informação, ou seja, a partir de poucas evidências pode-se adquirir muito conhecimento.

Ainda seguindo o pensamento de Chomsky (1957), a linguagem é da ordem da aquisição e não da aprendizagem. Praticar uma língua estrangeira até 14 ou 15 anos de idade é de forma natural, pois se está apto para o desenvolvimento de diferentes maneiras de comunicação ocorrendo, assim, a aquisição da língua. Após esse período, é mais complicado adquirir uma linguagem, pois, passa-se a aprendê-la. O autor apoia-se nos estudos de um falante-ouvinte ideal, em uma comunidade, completamente, homogênea. Este falante conhece a língua perfeitamente e expressa este conhecimento pela competência linguística e pelo desempenho.

A **Competência Linguística** é definida, por Chomsky, como um “sistema de regras interiorizado pelos falantes que permite produzir um conjunto infinitamente grande de sentenças. É o conhecimento que o falante tem das estruturas da língua, não conscientemente, mas implicitamente.” (KENEDY, 2008, p. 130). **Desempenho Linguístico**, definido por Chomsky como “conjunto de imposições que limitam o uso da competência. É a imperfeita manifestação do sistema. É o uso real da língua em uma situação concreta.” (KENEDY, 2008, p. 130).

Percebe-se, então, que o conceito de competência está associado à língua abstrata. Em outras palavras, competência é o conhecimento da estrutura da língua. Já o desempenho é a manifestação imperfeita da língua. Assim, Chomsky (1957) privilegia a competência para ancorar o gerativismo e não aprofundou seus estudos no desempenho. E isso implicou críticas ao gerativismo e aos termos Competência e Desempenho.

2. Caminhos Conceituais da competência e desempenho

Os conceitos de Competência e Desempenho de Chomsky impulsionaram outros autores como Dell Hymes (1972); a iniciarem reflexões sobre tais conceitos. Dell Hymes ampliou-os para o conceito de competência comunicativa e não faz uma ruptura epistemológica dos conceitos de competência e desempenho de Chomsky, mas acrescenta aos termos elementos da sociolinguística como: relacionamentos sócio-culturais, estados emocionais dos falantes, regras sociais e funcionais que regem uma língua dentro de contextos específicos.

Com esta visão sociolinguística, Hymes considera competência e desempenho inseparáveis. Competência Comunicativa passa a ser o conhecimento da língua e a habilidade de usá-la em determinados contextos sociais. Ainda Hymes faz distinção entre competence e Competency. “**Competence** refere-se à competência de gramatical. Conhecimento finito de sentenças independente de características sócio-culturais”. (HYMES, 1972 p.15). E define “**Competency** como as atitudes, valores e motivações a respeito da língua, característica de usos, inter-relação da língua com outros códigos. O engajamento da língua na vida social. Competência para o uso”. (HYMES, 1972 p.15)

Assim, ser competente para Hymes significa que o falante-ouvinte tem conhecimento da gramática da língua e, também, tem conhecimento sobre as regras sociais de uso dessa língua e sabe adequá-los a contextos específicos.

Seguindo às complementações aos conceitos de competência e desempenho de Chomsky (1957), Christina Paulston (1974) acrescenta a noção de **desempenho comunicativo** como contraponto à Competência Comunicativa de Hymes e o conceito de **ambiguidade comunicativa**, também em oposição ao conceito de Competency (desempenho comunicativo) de Hymes (1972). Para Paulston a competência comunicativa de Hymes não contempla a aprendizagem de segunda língua em ambiente formal, ou seja, em um ambiente artificial.

Nesta perspectiva, a autora assume pressupostos da teoria Chomskyniana, de que o conhecimento das estruturas gramaticais – competência – é mais relevante do que o uso - desempenho. Pois, em ambiente de sala de aula, as estruturas linguísticas são trabalhadas, enfatizadas e treinadas para se obter um bom desempenho. Ou seja, para Paulston a atuação social depende do conhecimento que o falante tem das estruturas gramaticais.

Com esta visão estruturalista, Paulston cria o conceito de **Desempenho comunicativo** em oposição ao conceito, não de Chomsky de competência linguística, mas ao conceito de Hymes de Competência Comunicativa. O conceito de **Desempenho Comunicativo** refere-se a:

Eventos comunicativos que não possuem traços sociais perceptíveis, e que só ocorrem em ambientes artificiais como em salas de aulas de línguas estrangeiras. Atividades planejadas por professores que não possuem um quociente social profundo, já que são executadas apenas para a prática linguística e a demonstração de conhecimento estrutural ou lexical do idioma que está sendo estudado. (PAULSTON 1974 p 350)

A autora demonstra, por meio do conceito de Desempenho Comunicativo, que o que impera na aprendizagem de uma língua é a estrutura linguística. Os professores criam em seus alunos uma dependência do conhecimento gramatical e se não há um conhecimento forte das estruturas, não há como o aluno se comunicar, se expressar. O conceito de **Ambiguidade Comunicativa**, Paulston contrapõe ao conceito de competency (desempenho comunicativo) de Hymes (op. cit), pois para ela ambiguidade comunicativa:

Ocorre com frequência em eventos de comunicação entre falantes de diferentes culturas, em que naturalmente, os falantes adotam determinadas regras sociais nativas ao falar uma língua estrangeira; Adotam uma nova postura social, com novos valores culturais de uma outra língua, implica tornar-se mais do que bilíngue: implica em se tornar bicultural. (PAULSTON, 1974, p.351)

Paulston (op. cit) acredita que o falante de uma língua desenvolve uma habilidade de adaptação em contextos sociais da língua-alvo. Em outras palavras, a atividade de comunicar-se só é possível, porque o falante já tem o conhecimento linguístico e as regras sociais de comunicação são adquiridas quando vividas em situações reais. E por serem vivenciadas, o falante assume uma outra cultura no ato da fala, tornando-se um falante bicultural, o que difere do conceito de competência comunicativa de Hymes e aproximando do conceito de desempenho de Chomsky (1957).

A habilidade do uso como parte da competência para Hymes (1972) envolve alguns fatores extra-linguísticos de diferenças individuais (sociais, culturais, situacionais, etc.) que direciona o conceito de competência para uma linha sociolinguística e não estruturalista.

Seguindo esta mesma linha de Hymes, na década de 80 Michael Canale e Merrill Swain (1982) fazem a distinção entre **Competência Comunicativa** e **Competência Real**. Para realizarem esta distinção, os autores buscam na natureza da comunicação – as variações linguísticas e seus contextos socioculturais e as próprias condições psicológicas dos falantes – a base para os conceitos que recaem na elaboração de um modelo de interação social. Para Canale e Swain comunicação é:

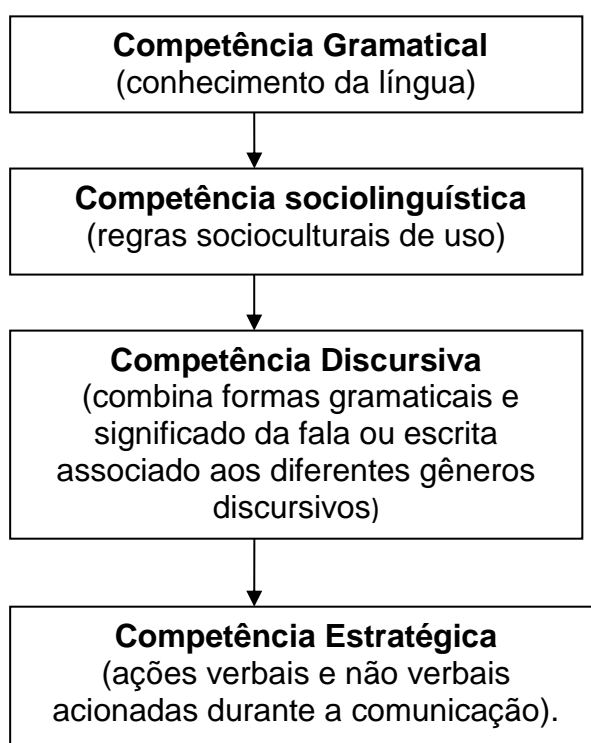
a troca e negociação de informação entre pelo menos dois falantes, por meio do uso de símbolos verbais ou não-verbais, orais ou visuais que produzem compreensão (1982.p.4)

A partir desta definição de comunicação, os autores propõem que **Competência Comunicativa** é “Como um sistema de conhecimento e habilidades para a comunicação. Conhecimento de vocabulário e habilidade no uso de convenções sociais” (1982, p.5) e **Competência Real** como “a realização do conhecimento e habilidade limitados pelas condições psicológicas e ambientais como memória e percepção” (1982, p.5). Com estas definições Canale e Swain (1982) demonstram que a competência comunicativa é, puramente, o conhecimento da língua e das regras do uso sem a utilização real, ou seja, conhecimento abstrato – mundo das ideias. A real é a aplicação

do sistema de conhecimento e habilidades no mundo real, concretizando o conhecimento abstrato. E esta aplicação do sistema é influenciada pelas condições psicológicas e ambientais em que o falante está envolvido e inserido.

A partir disso, Canale e Swain (op. cit) propõem um modelo teórico que demonstra os conhecimentos mobilizados pelos falantes e que são concretizados no momento da comunicação. Estes conhecimentos mobilizados pelo falante para a comunicação, os autores chamam de **competências**. Então, competência – no singular – é sistema (conjunto) de conhecimentos. E este conjunto de conhecimentos é formado por competências (componentes) – no plural – que são mobilizadas pelos falantes de uma determinada língua.

Estabelecendo a diferença entre **competência e competências** Canale e Swain passam a ordenar os componentes mobilizados pelo falante em um esquema teórico:

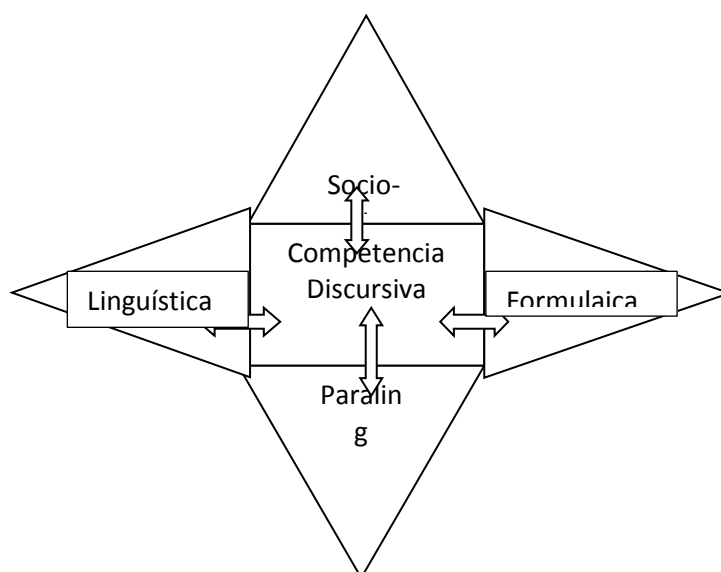


Canale e Swain (op. cit.) com a diferenciação modificam o cenário teórico, pois competência comunicativa já não será o ponto fundamental para

os estudos. A diferenciação entre competências amplia o estudo, abrindo espaço para autores como Celce-Murcia (1995 apud Basso, 2008) a introduzir um novo modelo teórico composto por mais competências.

Celce-Murcia (1995) propõe um modelo teórico interativo e dinâmico, pois para a autora na comunicação as competências são movimentadas pelo falante. Uma competência aciona a outra, realizando um movimento dinâmico e equilibrado.

Para a autora a competência central é a **competência discursiva**, pois, nela está contido o léxico, as intenções, o conhecimento de mundo do falante. E para o falante utilizar a competência discursiva é necessário mobilizar ao mesmo tempo a **competência linguística** que é o conhecimento da língua e que sustenta a interação. E na interação é também essencial da **competência formulaica** que é responsável pela utilização de clichês e frases lexicais ligadas a contextos específicos de uso da nova língua, que por sua vez, aciona a **competência sócio-cultural** que representa o conhecimento sobre a cultura da língua-alvo que permite a participação e a compreensão na situação comunicativa. E que é associado aos aspectos não verbais (gestos, expressões corporais) que é denominado de **competência paralinguística**. E por fim, a **competência estratégica** que circula em todas as competências para resolver qualquer problema de compreensão. Tornando o movimento dinâmico e equilibrado.



Por este modelo interativo e dinâmico, Celce-Murcia (1995) demonstra a aplicação das competências no momento do uso da língua. Isto equivale a dizer que, Celce-Murcia visualiza em seu modelo quais são as competências acionadas e o motivo deles serem acionadas pelo falante.

O caminho da dicotomia competência- desempenho dirigiu-se, primeiramente, para o conceito de competência comunicativa teorizado por vários autores e, dentro desta abordagem que se mostra abrangente, outras competências são conceituadas, delimitadas e idealizadas por pesquisadores da Linguística Aplicada. Tais competências dizem respeito não só a aprendizes, mas a professores de línguas, que necessitariam estar em constante formação para o aperfeiçoamento de sua profissão. (ALMEIDA FILHO, 2005)

O que são as competências da contemporaneidade que Basso (2008) procura res significar? Nesta tentativa de delimitá-las, Basso afirma que elas têm sofrido influências de ideias de Kramsch (1993,1995) sobre língua e cultura, de Vigotsky (1989a,1989b) sobre interação e historicidade e de Freire (1987,1988,1992,1996,1997) sobre o aspecto político-ideológico da língua (apud BASSO 2008). Também da visão de pesquisadores como Almeida Filho (2005; 2009) e Vieira–Abrahão (apud BASSO 2008) que enfatizam o valor do aperfeiçoamento das competências que citaremos a seguir para o exercício da profissão de um professor de línguas.(op.cit.)

As ideias dos autores citados acima tendem a nos fazerem olhar atentamente para a competência intercultural no ensino de LE, pois segundo Basso (2008) compreende-se a cultura como um conjunto de peculiaridades, singularidades e idiosincrasias marcado e construído ideologicamente pela linguagem. Nota-se, então, a relevância da associação intrínseca dos termos língua e cultura. Entrecruzamos Almeida Filho (2009) para quem a comunicação acontece na interação propositada tendo como participantes sujeitos históricos. Se a compreensão do sentido do discurso passará pela cultura, ao ensinarmos uma LE colocamos nossa cultura em diálogo com outras.

A autora ainda observa que, no contexto de sua profissão, o professor de LE deve ser capaz de agir na e pela nova língua, com base nos seus

conhecimentos, tanto teóricos quanto práticos. Também entram em jogo suas crenças e intuições, sua história vivida como aluno, sua forma de aprender. E neste exercício da profissão de professor de LE, a educação do aluno deve visar a busca de uma contribuição para uma sociedade mais justa. Isto também passa pelo fato de se saber lidar com conflitos interculturais. Além disso, ela trata da importância de se conhecer a história do professor, afim de, se traçar metas para seu aprimoramento.

Duas são as metacompetências do professor citadas por Basso (2008): a competência discursiva e a profissional. A discursiva se refere ao conhecimento da língua estrangeira no que se refere ao discurso. Almeida Filho (2005) também cita a competência profissional que é a capacidade de tomada de decisão no contexto da sala de aula, seja ela vinda de um conhecimento teórico ou intuitivo, mas que seja consciente. Para Basso ela carrega características individuais, para Almeida Filho ela diz respeito ao conceito de *Habitus* de Bourdieu (apud BASSO 2008) que são disposições constantes ou maneiras de ser comuns a todas as pessoas de um mesmo grupo social, adquiridas e interiorizadas pela educação. No entanto, tais disposições não são deterministas. Os dois autores concordam que haverá tantos modos de ensinar línguas quanto de professores com suas histórias de vida.

A competência implícita caracterizada no *Habitus* se coaduna com a competência aplicada que capacita o professor a ensinar conscientemente, de acordo com a sua formação. Outra competência importante citada por Almeida Filho é a metacompetência profissional. Esta última diz respeito à consciência dos deveres e direitos dos profissionais, da necessidade de atualização e formação continuada dos professores de LE e do papel que estes desempenham na sociedade atual. O autor enfatiza a importância de o professor se conhecer, de refletir e pensar sobre sua forma de ensinar, também através de formações, pesquisa e participação em encontros.

Na defesa dada à competência discursiva, Basso (2008) propõe que o conhecimento da língua estrangeira deve alcançar a compreensão do enunciado concreto - pensamento de Bakhtin (2010)- isto é, do significado. Para esta competência é importante que se desenvolva a capacidade de operar, gerar e construir sentido no discurso, além de organizar diferentes

modalidades na linguagem, de se compreender seu caráter multi semiótico, a língua oral e escrita e os gêneros. Ter consciência do poder político-ideológico da língua e de seu funcionamento entra na competência político-educacional inserida na competência profissional. A profissional e a discursiva são metas para todo professor de LE e dentro da competência profissional, a competência reflexiva é para a autora uma ferramenta de transformação, uma vez que esta última se refere à capacidade de reflexão do professor na sua prática em sala de aula.

Este novo olhar dado às competências para a formação do professor proposto por Almeida Filho e reafirmado por Basso quer contribuir para a reflexão na formação integral deste profissional e não somente avaliar sua proficiência em língua estrangeira. Tal visão de ensino de línguas que privilegia a importância dada ao uso e à forma, deixa em segundo plano o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o papel político-ideológico da língua, tanto para o aprendiz quanto para o professor em formação, e sobre a comunicação na interação, passo importante para o aprimoramento do diálogo entre povos de diferentes culturas, uma competência necessária para o contexto da contemporaneidade.

Considerações Finais

O foco no percurso dos conceitos de competência e desempenho linguístico e competência comunicativa fez emergir a questão das diferenças entre os termos, revelando o contraste e as semelhanças. A partir dos conceitos elaborados por Chomsky (1957), observamos que, em Hymes (1972), Paulston (1974), Canale e Swain (1982), Celce-Murcia (1995), Almeida Filho (2005) e Basso (2008) há o debate de natureza epistemológico em relação a Chomsky e em relação à aquisição de segunda língua.

Na medida em que fomos abordando outros autores, o debate epistemológico resultou na compreensão dos aspectos de aquisição de uma

língua e resultou, também, em compreender que a direção de sentido tomada por Hymes amplia a dimensão de competência e desempenho.

Retomando os aspectos conceituais, centrados na competência, a intenção foi ilustrar, através do contraste, que o conhecimento cronológico dos conceitos dos autores mencionados contribui para o fortalecimento da competência comunicativa crítica e auto reflexiva do aprendente. Esta consciência passa, certamente, pela percepção de que nenhum conceito elimina o outro.

E assim, o professor ao assumir o conceito de competência, assume também, o conceito de língua e a forma de ensiná-la, materializando, desta forma, a competência profissional e a abordagem que sustenta em sala de aula.

Referencias Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *O Professor de Língua Estrangeira em Formação* 2ª ed.. Campinas: Pontes 2005.

BASSO, Edcléia. As competências na Contemporaneidade e a formação do professor de LE. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; SILVA Kleber Aparecido *Perspectivas de Investigação em Linguística Aplicada*. Campinas: Pontes, 2008.

CANALE, Michael. *From Communicative Competence to communicative language Pedagogy*. Londres: Longman, 1982

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado. 1978.

HYMES, Dell. *On Communicative Competence*. In: *Linguistic Background*. University of Pennsylvania Press. s/a 1972

KENEDY, Eduardo. *Gerativismo*. In *Manual de linguística*. MARTELOTTA, Mario Eduardo. São Paulo: Contexto. 2008

PAULSTON. Christina Bratt. *Linguistic and Communicative competence TESOL* . 1974